

Editorial

O termo *transmissão* costuma dar calor aos debates psicanalíticos, em particular quando se trata do destino da própria invenção freudiana e da formação de analistas. Até certo ponto, é entendível que assim seja. Hoje em dia, tendo a pensar que a questão não é privativa da psicanálise, como se dá às vezes a entender em alguns desses debates. Não creio que a transmissão diga respeito unicamente à psicanálise, enquanto a sorte das matemáticas, da física, dos sistemas de escrita e de outras tantas criaturas de “palavra e linguagem” seja uma simples questão de *ensino*.

A psicanálise ensina-se? Sim e não, tudo depende. E se a mesma pergunta versa sobre as matemáticas? Ela também mereceria ambas as respostas.

Ensinar é mostrar, é dar a ver e a ouvir a outro, ou seja, colocar algo ao alcance de outro. Os números e as operações ensinam-se, ou seja, alguém os coloca à mostra, ao alcance de outros. Mas a amostra não é o mundo vivo da matemática. Ela sozinha não faz série, assim como uma andorinha não faz verão. Qualquer um tanto pode ver fórmulas num livro quanto observar um matemático fazer os cálculos no quadro, mas isso por si só não o tornará matemático. As matemáticas se escrevem e o fato de escrevê-las, embora possa ser ensinado, ser mostrado, nada diz da transmissão da matemática como experiência; do que faz com que aquele ainda não iniciado no assunto passe a dar vida aos números e aos símbolos por ele vistos, assim como o primeiro o faz.

A transmissão é a passagem de algo de um lado a um outro. Por exemplo, o vagar dos vírus de um lado ao outro dá lugar a doenças contagiosas. Já os números e os símbolos são como as marionetes: precisam que alguém lhes dê vida. O *start* da vida no campo da *linguagem* é dado pela *palavra*. Por isso, todo aquele que professa a matemática – mesmo o mais silencioso,

carrancudo e solitário enquanto enche o quadro de fórmulas – *fala* tanto para seus não iniciados quanto para os números, as letras e os símbolos ainda por vir. É o fazer do matemático em torno da *voz* quem detém o poder de contagiar além de todo contato. É *como se* o vírus da matemática pulasse do umbigo dessa voz e, um instante antes de perecer por estar fora de seu meio, fosse pego numa outra colônia. Mas, é *como se...* Trata-se de uma *metáfora* – colocar fora... dar um fora... dar fora... –, pois parece não haver o vírus da matemática, assim como, apesar de a psicanálise ser uma peste, também não há vírus psicanalíticos.

A história fica mais interessante se pensamos que na transmissão nada passa de um lado ao outro, apesar de assim parecer. Freud gostava de lembrar: “deves adquirir aquilo que herdas”. Isto é, o não iniciado nada recebe sem se implicar. Eis aí o osso paradoxal duro de roer, esqueleto de toda transmissão: dever pagar por aquilo que não pode não ser dado.

Ao não iniciado é dada a oportunidade de vir a tê-la, mas não a experiência matemática em si. Esta reclama ser refeita do outro lado da fronteira. Se ela não é refeita, fim da história, e não há ninguém para contá-la, ensiná-la mais uma vez. Se ao contrário, a história vingará, haverá mais um na linha de transmissão, para assim acrescentar mais um ponto ao conto, mas isso, não só, se sabe depois, como também só vem a ser de fato no só depois. Nada mais oportuno que parafrasear Clément Rosset: aquilo que chamamos de transmissão é o resultado do encontro entre o acaso e a faculdade de durar.

Há matemática sem matemáticos em ação? Não, não e não. Há psicanálise sem psicanalistas em ação? Não, não e não. Há ensino da matemática e da psicanálise? Sim, por que não? Por que negar uma amostra? A sua recusa só pode ser obra de ressentidos que, para disfarçar o mesquinho gesto, recorrem a todo tipo de elucubração pedagógica. Mas, voltemos ao assunto, tanto o destino de uma quanto de outra está cifrado na dita transmissão das respectivas experiências.

Há psicanálise numa aula de matemáticas? Há matemática numa psicanálise? Não, não e não. Por que deveria de haver? Ufa! Tem gente que sempre quer pegar um atalho!

Bom, caros leitores, deixo-os por aqui, para que aproveitem mais um número de nossa *Estilos da Clínica*. Mas, um pouco antes de pular fora, lanço ao rodeio esta pergunta: Ensina-se ou transmite-se a um bebê a experiência de habitar numa língua?

Leandro de Lajonquière